

TRISH DOLLER

Partidas e Chegadas

Algumas vezes você
precisa se perder para
encontrar o caminho

TRISH DOLLER

TRADUÇÃO DE ISABELLA SARKIS

Partidas
e
Chegadas

 FARO
EDITORIAL

**FIRST PUBLISHED IN THE UNITED STATES BY ST. MARTIN'S GRIFFIN,
AN IMPRINT OF ST. MARTIN'S PUBLISHING GROUP.**

**FLOAT PLAN. COPYRIGHT © 2021 BY PATRICIA DOLLER.
ALL RIGHTS RESERVED.**

COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2021

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios
existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**
Coordenação editorial **CARLA SACRATO**
Preparação **DANIELA TOLEDO**
Revisão **HELÔ BERALDO e THAÍS ENTRIEL**
Ilustração de de capa **TITHI LUADTHONG | SHUTTERSTOCK**
Capa e projeto gráfico **VANESSA S. MARINE**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Doller, Trish
Partidas e chegadas / Trish Doller ; tradução de
Isabella Sarkis. -- São Paulo : Faro Editorial, 2021.
256 p.

ISBN 978-65-5957-063-8
Título original: Float Plan

1. Ficção alemã I. Título II. Sarkis, Isabella

21-3151

CDD 813

Índices para catálogo sistemático:



1ª edição brasileira: 2021

Direitos de edição em língua portuguesa, para o
Brasil, adquiridos por FARO EDITORIAL

Avenida Andrômeda, 885 - Sala 310

Alphaville — Barueri — SP — Brasil

CEP: 06473-000

www.faroeditorial.com.br

Dez meses e seis dias

SAIO DA MINHA VIDA no Dia de Ação de Graças.

Compradores de última hora estão limpando as prateleiras atrás dos recheios de peru e de torta de abóbora, enquanto encho meu carrinho com tudo o que possa vir a precisar. (Feijão. Vegetais enlatados. Arroz.) Eu me movimento pelo mercado como uma pessoa que está atrasada para o fim do mundo. (Leite. Limão. Lanterna.) Ando com pressa para não perder as estribeiras. (Maçãs. Papel higiênico. Vinho tinto.) Tento pensar apenas no meu objetivo final, que é ir embora daqui. (Repolho. Baralho. Água mineral.) Ou no que possa estar esquecendo.

Minha mãe me liga enquanto estou colocando as sacolas do mercado no banco de trás do meu carro já lotado. Não contei para ela que não vou ficar para o jantar de Ação de Graças e

ela não está preparada para ouvir que estou saindo da cidade. Não está, porque eu mal saí de casa durante boa parte do ano. Ela vai fazer perguntas e eu não tenho respostas, então, deixo a ligação cair na caixa postal.

Quando chego às docas, *Alberg* está ali no mesmo lugar, o casco brilhante, pintado de azul-marinho, e a faixa vazia, ainda esperando por um nome. Por um momento, aguardo Ben aparecer na gaiuta da escotilha. Espero ver seu sorrisinho malandro e ouvir a excitação na sua voz quando me diz que hoje é o dia. Mas a escotilha está trancada com cadeado e o convés está coberto de cocô de passarinho — outra parte da minha vida que negligenciei.

Dez meses e seis dias atrás, Ben tomou uma caixa de um remédio tarja preta e completou com a tequila barata que morava embaixo da pia, até hoje não sei por quê. Ele já estava morto quando cheguei em casa do trabalho e o encontrei no chão da cozinha. Na carta de despedida, ele me disse que eu era sua razão de viver. Então, por que eu não fui o bastante?

Inspiro fundo, enchendo os pulmões. Expiro devagar. Entro no barco e destranco o cadeado.

O ar está pesado e quente, cheirando a cera de madeira, telas novas e um toque de diesel. Não tinha estado a bordo desde antes de Ben morrer. Aranhas fizeram teias nos cantos da cabine e uma camada de pó se assentou em cada superfície, mas as mudanças me deixam sem ar. O trabalho incrível do interior está preservado e brilhante. As feias e originais capas de almofada em xadrez marrom foram substituídas por lona vermelha e listras coloridas de estilo peruano. E uma gravura emoldurada e pendurada na divisória da frente em que está escrito: “EU & AMO & VOCÊ”.

— Pra que tanto trabalho pra uma viagem que você nunca vai fazer? — falo alto, mas é outra pergunta sem resposta. Enxugo os olhos na manga da minha camiseta. Uma das coisas que aprendi é que o suicídio não machuca o coração de alguém somente uma vez.

Levo o resto da manhã para limpar o barco, carregar os itens que estão no meu carro e arrumar tudo. Há marcas do Ben em todo o lugar: uma panela no fundo do armário suspenso, um engradado de cerveja vencida na cabine, um colete salva-vidas laranja mofado dentro da geladeira. Jogo tudo no lixo, mas mesmo com minha samambaia pendurada no suporte acima da minha cabeça e meus livros na estante, o barco pertence a Ben. Ele o escolheu. Ele o reformou. Ele definiu o curso. Ele determinou a data de partida. Minha presença ali parece algo temporário, como uma camada de poeira.

A última coisa no carro é uma caixa de sapato recheada de fotos tiradas com a máquina Polaroid de Ben, uma flor de hibisco seca do nosso primeiro encontro, um punhado de cartas de amor com toques picantes e uma carta de despedida. Tiro da caixa uma única foto — Ben e eu num farol, tirada uma semana antes de ele morrer — e enfio a caixa na última gaveta da estação de navegação. Colo a foto com fita adesiva na parede perto do beliche em formato de V, logo acima do meu travesseiro.

E é hora de partir.

Meu único plano era passar o dia de hoje na cama — meu único plano desde a morte de Ben —, mas acordei assustada com um alarme. A notificação do meu alarme dizia: HOJE É O DIA, ANNA! A GENTE VAI NAVEGAR! Ben havia programado o evento no meu calendário quase três anos atrás — no dia em que me mostrou o barco a vela e me perguntou se eu velejaria pelo mundo com ele — e eu tinha esquecido. Chorei até meus olhos doerem, porque não existe mais um *a gente* e havia me esquecido de como ser *eu* sem o Ben. Então, saí da cama e comecei a fazer as malas.

Nunca velejei sem o Ben. Não é sempre que acerto as terminologias — *é um cabo, Anna, não uma corda* — e terei sorte se conseguir chegar ao final do rio. Mas estou com menos medo do que vai acontecer comigo se navegar sozinha pelo Caribe do que o que pode acontecer comigo se eu ficar.

Meu chefe me liga enquanto estou desamarrando o barco das docas, sem dúvida imaginando se vou aparecer, mas não atendo. Ele vai descobrir em um ou dois dias.

Faço contato pelo rádio solicitando a abertura da ponte levadiça e, lentamente, me afasto do cais, o motor engasgando depois de meses parado. A corrente me puxa rio abaixo e guio o barco entre o espaço aberto da ponte. Assim que o atravesso, sou ultrapassada por um grande barco esporte de pesca. Um cara usando uma camisa de pesca turquesa acena para mim do convés traseiro. Ele não é tão mais velho que eu, bonitão, com jeito de aventureiro e bronzeado. Aceno de volta.

Navego por condomínios de luxo, iates brancos enormes e elegantes e uma rede de canais com casas tão grandes que a casa de minha mãe mal ocuparia o primeiro andar. Ela nunca foi alguém que sonhasse com mansões, mas quatro pessoas ocupando uma casa de dois quartos é um pouco demais. Mamãe diz que amar todas as suas garotas sob o mesmo teto, mas voltar para casa dela foi algo que eu nunca tinha imaginado. Minha vida era para ser com o Ben.

Quando alcanço a ponte levadiça na Terceira Avenida, o encarregado me avisa que preciso esperar porque ele acabou de deixar um grande barco esporte de pesca passar. Ben sempre manjava o barco quando precisávamos esperar, então, comecei a fazer pequenos círculos — com medo de bater em outro barco a vela que estivesse esperando — até que os carros pararam e a ponte começou a se abrir.

Navios de cruzeiro se alinham ao cais, seus conveses empilhados como camadas de um bolo de casamento. Navios de carga partem para o Atlântico, com destino a portos pelo mundo todo. O *Alberg* parece pequeno e insignificante enquanto navego entre eles e considero continuar segura, rumo ao sul pela costa, em vez de me aventurar em águas abertas. Mas a rota que Ben tinha traçado em sua carta náutica me levaria para a Baía Bis-

cayne antes de fazer a travessia para Bimini. Então, me preparo para fazer isso.

Tentei me prevenir com tudo o que precisaria nessa passagem. Faço um balanço rápido enquanto passo uma camada de filtro solar. Água. Petiscos. O chapéu de caubói de palha de Ben que enfiei na cabeça para me proteger do sol. Latas de Coca. Rádio portátil. Saco de dormir no armário mais próximo da cabine junto ao meu colete salva-vidas e correias. Celular.

Logo vou estar fora de alcance, então, ligo para a minha mãe.

— Queria que você soubesse que estou no barco do Ben e vou navegar por um tempo.

— Navegar? — Ela bufa um pouco pelo nariz. — Anna, querida, de que raios você está falando? É Ação de Graças. O peru já está no forno.

— Hoje é o dia em que o Ben e eu iríamos partir para a nossa viagem ao redor do mundo — explico. — Eu... Eu não posso mais ficar em Fort Lauderdale. Dói demais.

Ela fica quieta por um tempo tão longo que acho que a ligação caiu.

— Mãe?

— Isto *ser* loucura, Anna. Loucura. — Minha mãe vive nos Estados Unidos há mais tempo que Rachel e eu estamos vivas, mas o sotaque alemão aparece com frequência quando ela está falando, em especial quando está estressada. — Você não vai para o mar *numa* barco que você mal sabe velejar. Você *ter* que vir para casa e buscar ajuda.

Essa não é a primeira vez que conversamos sobre eu buscar ajuda profissional, mas não preciso de um terapeuta para me dizer que sou a única pessoa que decide por quanto tempo meu luto deve durar e que não é problema meu fazer os outros se sentirem menos desconfortáveis ao meu redor. *Não* estou preparada para seguir em frente com a minha vida. *Não* estou disponível para encontrar uma nova alma gêmea. E estou *mesmo* de

saco cheio de dividir o quarto com a minha irmã e uma criança de dois anos.

— Eu aviso quando chegar às Bahamas. — Atrás de mim, um cargueiro azul e brilhante, lotado de contêineres, diminui sua distância do barco. — Tenho que ir, mãe, mas estou bem. De verdade. Te ligo de Bimini. *Ich liebe dich*.¹

Escorrego o celular para o bolso do meu *short*, sentindo-o vibrar com uma nova ligação, enquanto alcanço a borda do canal, perto do quebra-mar. Mamãe deve estar ligando de novo para tentar colocar algum juízo na minha cabeça e suspeito que meu telefone vai vibrar no silencioso até perder o sinal. Mas não posso me preocupar com isso quando um navio enorme está na minha cola.

O cargueiro passa rugindo, gaivotas girando e brigando por causa dos peixes que se agitam na esteira do barco. Pescadores esportivos seguem depressa. Outros barcos a vela. Os arranha-céus vão ficando menores e o Atlântico cor de safira se estende em direção ao horizonte. O mar está tranquilo e o ar leve.

É um dia perfeito para fugir de casa.

Quase um quilômetro além-mar, viro o barco na direção do vento e coloco o motor no modo neutro. A vela mestra se abre com facilidade, balançando com a brisa, mas não sei se ela está totalmente esticada no mastro. Mesmo com a bujarrona desenrolada e as velas içadas, não sei se fiz tudo direito. Mas o barco está se movendo na direção certa. Não está em rota de colisão com nenhuma outra embarcação. Nada está quebrado. Eu me sinto vitoriosa enquanto desligo o motor e me acomodo em uma almofada para a viagem de seis horas até Miami.

Estas águas não são totalmente desconhecidas. Ben e eu velejamos uma vez até Miami e ancoramos para passar a noite. Outra vez, passamos o fim de semana no Parque Nacional de Biscayne. Navegar até as Bahamas seria nossa primeira tentativa para ver se

1. N.T.: “Eu te amo”, em alemão.

conseguíamos viver dentro de um barco de onze metros. Parecia grande até que entrei a bordo pela primeira vez e vi que era como uma casinha flutuante. Será que Ben e eu conseguiríamos viver tão perto assim um do outro? Será que nossa relação teria durado? O eterno não saber está alojado em meu coração como uma pedra, uma dor chata e constante, que transborda em momentos como este, quando imagino como teria sido nosso futuro.

Um golfinho aparece na superfície ao lado do barco, me tirando de meus pensamentos. Não consigo ficar séria ao me lembrar de uma discussão que tivemos sobre golfinhos. Ben dizia que eles eram estupradores e assassinos.

— Não se engane com o sorriso permanente e seu canto alegre. Eles são uns canalhas.

— Animais não vivem sob o código moral dos humanos — contra-ataquei —, então, talvez você devesse ficar mais revoltado com um estupro real do que com golfinhos sendo golfinhos. Os humanos são os reais canalhas.

Ele ficou me olhando por um bom tempo e deu o sorrisinho que deixava meus joelhos bambos.

— Caramba, Anna, quanta sorte eu tenho de ter você?

Um segundo golfinho se junta ao primeiro e eles nadam ziguezagueando em frente ao barco, brincando com a velocidade de cinco nós do barco. Eles pulam para fora da água, se mostrando um para o outro, e quase tenho a sensação de que Ben mandou os dois para mim — o que é ridículo; mas assisto aos dois, enquanto eles nadam em direção a qualquer lugar.

— Era pra você ter ficado comigo. — Minhas palavras voam com a brisa. — Por que você foi para um lugar aonde não posso ir com você?

Não sei se estou falando com os golfinhos ou com Ben. De qualquer forma, não tenho resposta.

Ao pôr do sol, enquanto o céu está sendo tomado pela escuridão, dirijo o *Alberg* pela marina dentro de Miami Beach. Ben

tinha circulado *No Name Harbor* como nosso destino para a noite, mas nunca manejei uma âncora sozinha, ainda mais no escuro. Manobro o barco sem jeito para passar a noite ali, agradecendo que não tenho testemunhas das minhas péssimas habilidades com as docas e meus nós mal amarrados.

Já usando uma camiseta velha de Ben, deslizo no beliche em V e abro a escotilha da frente. Enquanto tento ver as estrelas através da poluição leve de Miami, penso na última vez em que Ben e eu dormimos no barco; uma das últimas vezes em que fizemos amor. O sexo não é do que mais sinto falta em relação a Ben, mas sinto saudades disso também. Antes de Ben, eu não tinha ideia de que a solidão pudesse doer em lugares tão diferentes no corpo de uma pessoa.

Agora, o imagino deitado ao meu lado. O calor das suas mãos na minha pele nua. O toque da sua boca na minha. Mas quanto mais eu tento imaginá-lo perto de mim, mais distante ele parece estar.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA INFORMAÇÕES DE
TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br



Campanha



Há um grande número de pessoas vivendo com HIV e hepatites virais que não se trata. Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro. Faça o teste. Não fique na dúvida!



**ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM OUTUBRO DE 2021**